

O PETRÓLEO FICOU NOSSO

Armando Costa

PERSONAGENS

Velhinho
Seis Populares
Quatro Policiais
Mulher
Quatro Nacionalistas

Dois elementos do coro colocam no fundo um muro branco em compensado; entra o Velhinho com o jornal aberto escondendo o resto de lata de tinta no braço. O jornal tem um buraco.

O Velhinho observa os arredores através do buraco. Procura lugar para esconder a lata, atrapalha-se com dois objetos. Acaba escondendo a lata atrás do muro. Disfarça.

Entram dois policiais, depois mais dois, cercando a praça.

- POLICIAL 1 — E... agora vâmo vê... *(Lentamente entram dois populares. Aparece agora um Nacionalista carregando estranho embrulho triangular. Mais outro e a Mulher com embrulhinho. Param indecisos. Ninguém no centro.)*
- NACIONALISTA 1 — Pensei que vinha mais gente.
- NACIONALISTA 2 — Já tem um bocado e vai chegá mais, você vai vê... E ó. *(Mostra a mulher que entrou e ficou em primeiro plano.)* A Zelinda já tá aí... firme...
- NACIONALISTA 1 — E o marido dela, como é?
- NACIONALISTA 2 — Não sei... Acho que não sai tão cedo, não. Empastelaram o jornal. Cana de jornal é... *(Faz beijo.)*
- NACIONALISTA 1 — Mulher bonita.
- NACIONALISTA 2 — Mulher de raça. Quando precisa, deixa o filho com a comadre e vem pra rua. Se tivesse mais gente como esses dois, não precisava fazer tudo isso. O petróleo não saía daqui... *(Pausa.)* Chegando mais gente, ó í...
- NACIONALISTA 1 — É. Mas já tá enchendo de tira também...
- NACIONALISTA 2 — Que que você queria? Com a onda que a gente fez a semana toda, eles iam ficar jogando porrinha na delegacia?
- NACIONALISTA 1 — Aí é que está. Eu acho que era melhor não ter feito onda nenhuma antes. Fazia tudo na moita; vinha de noite, fazia o serviço e amanhã de manhã o negócio aparecia aí no

- meio da praça e pronto.
- NACIONALISTA 2 — Ué, velho? E o comício? É mais importante do que botá a torre. Botá a torre é simbólico. Agora, o comício é que vai fazê o povo pensá. Esclarecê a massa, meu irmão.
- NACIONALISTA 1 — Num sei... Tô achando que não vai sê mole.
- NACIONALISTA 2 — Ô, rapaz. Você pensa que isso é o quê? Exército da Salvação? Tem que arriscá o cangote mesmo.
- NACIONALISTA 1 — Mas podia ser mais bem bolado. Assim é perigoso, a massa pode medrá com a repressão da polícia.
- NACIONALISTA 2 — Tem que fazê o comício. Olha aí. Tá chegando mais gente. *(Entram mais três populares. Mais um. Durante o diálogo e nesse momento.)*
- NACIONALISTA 1 — Cadê o Saturnino? Por que ele não chega?
- NACIONALISTA 2 — Calma. Tá chegando já.
- NACIONALISTA 1 — E se a polícia baixar o pau?
- NACIONALISTA 2 — A gente enfrenta, ué. Quanto mais onda, melhor.
- NACIONALISTA 1 — Ôpa, olha o Saturnino.
- NACIONALISTA 2 — Não falei? *(Entra Saturnino com triangulão e mais outro nacionalista.)* O Pé de Bosta também. Legal o Pé de Bosta. *(Riem.)*
- NACIONALISTA 1 — *(Mais animado)* Vâmo botá pra jambrar.
- SATURNINO — O negócio é saber quantos tiras tem pelas redondezas...
- PÉ DE BOSTA — Tem muitos, não. Já manjei. Deve ter mais escondido. *(Dois policiais fazem sinal de "sair para reconhecimento". Saem. O Velhinho vai para trás do muro. Bota a cabeça do outro lado e grita com vizinha.)*
- VELHINHO — Vamo lá, minha gente. Tem medo, não! *(Reaparece do outro lado do muro disfarçando. Policiais mexem-se inquietos. Pé de Bosta vai ao centro e coloca o triângulo perpendicularmente ao chão; decidido, Nacionalista 1 vai ao centro. Também Saturnino e Nacio-*

nalista 2 vão agora. Desembrulham, começam a armar a torre. Velhinho por trás do muro.) Viva a Petrobrás! (Continuam a armação febrilmente. Voltam os dois policiais. Os quatro aproximam-se da torre. A massa em volta agita-se.)

POLICIAL 1 — Que os palhaços tão fazendo aí? (Hesitação. Nacionalista 1 continua. Os outros continuam, então.) Hein? Que palhaçada é essa aí? Negócio de armar brinquedinho no meio da rua? Não sabem que não podem? (Rodeiam a torre.)

POLICIAL 2 — (Cínico) É... Pra armar gangorra no meio da praça tem que pedir licença na Prefeitura...

POLICIAL 3 — (No mesmo tom.) Não. Não é gangorra, não. É um pocinho de petróleo pros meninos brincá.

POLICIAL 4 — Que nada... Isso é onda de comunista puto.

POLICIAL 2 — Ah, é! Que onda! (Empurra um nacionalista.) Vocês são comunistas putos, é? (Perdendo a esportiva) Que vocês querem? Petrobrás e não sei que mais o quê é? Governo não tem dinheiro pra botar latrina pra camponês... Como é que vai pagá máquina pra tirar petróleo?

POLICIAL 3 — Cês tão sozinhos nessa jogada. O povo mesmo tá em casa sossegado, cês vêm pra rua perturbar o descanso deles. Mijá no dinheiro que eles pagam pra manter a polícia pra manter a ordem.

POLICIAL 4 — Vê que eu sou um cara razoável. Fico argumentando com vocês na... na base do intelecto. (Dá um cascudo violento na cabeça de Saturnino.) Comunista porco! (começa a agressão. Cassetetes.) Sai, cachorrada. Fazer arruaça na casa da tua mãe. (Populares recuam. A torre está armada. Nacionalistas se defendem e se afastam da torre. A massa começa a fugir. Mulher carrega a torre.)

MULHER — Firme, companheiros! (Sobe no primeiro suporte.) Nós vamos agüentar firmes. Para

isso nós estamos aqui. (Batendo na torre.) Por isso é que nós estamos lutando. (Pau comendo. A massa fugindo.) O nosso petróleo, o petróleo do Brasil. Ele está no fundo da terra. E nós é que temos de tirar. Se não, nós é que vamos profundo da terra. (Bate na torre.) Essa já está de pé mas tem torre maior pra fincar. Torre de verdade só fica de pé no Brasil se a gente se levantar também! Povo que não produz petróleo não tem perna para andar! Fica sem rumo, andando emprestado, pagando miséria. (Reação da massa contra os policiais.) Firme, companheiros. Firme. Nenhuma pancada de polícia segura povo que quer chegar. E nós vamos chegar lá a seco. Firme! (Reação cresce. A massa que fugiu volta lutando. O Velhinho fugiu para trás do muro.) Tem brasileiro morrendo, comendo lama lá no norte; enquanto isso o petróleo está lá embaixo, tão morto como brasileiro que morreu sem dar risada. De pé, companheiros! (Velhinho reaparece do outro lado do muro.) Riqueza a gente só puxa, puxando a gente primeiro. Não tem dinheiro para tirar petróleo do fundo da terra? E os oitenta bilhões para pagar café estocado apodrecendo? (Policial tenta puxá-la pelas pernas.) Dos quarenta bilhões de orçamento de guerra? Guerra no Brasil é contra a miséria! (Dois populares atacam o guarda e subjagam-no.) Cada um de nós, companheiros, já mandou metade da vida para fora do país! E pagamos gasolina cada vez mais caro. E mandamos mais vida! E o petróleo dormindo debaixo dos pés da gente. (Massa vencendo. Policiais fogem. Um no chão estendido, outro em inferioridade.) Com os dólares que o Brasil manda de volta por ano o povo podia tirar tanto petróleo que cada um de nós ia valer o dobro! (Mulher coloca bandeira na parte lateral da torre. Sirene de choque de

policiais chegando. Gritaria. Ruído de bombas de gás. Lenços no nariz.) De frente, companheiros! Essa polícia se pudesse estava do nosso lado; mas não pode, é comprada! Mão na cara! Mão na cara! (Ouve-se tiro. Mulher atingida.) Atira! Atira! (Sente o ferimento. Cala-se. Depois fala mais baixo.) Pára! Pára!... Me socorre... Eu... Eu estou ferida... Eles me acertaram... pára com isso... Pára com isso... E... Não! Não!... Agüenta... Agüenta até o fim... me salva... Me salva... Me salva... (Escorrega pela torre abraçada a ela; os policiais do choque invadem. O povo debanda reagindo pouco. Vozes sumindo. Vozes sumindo. Silêncio; só policiais em cena e a Mulher. O Velhinho atrás do muro. Dois deles pegam a Mulher e carregam-na. Outros três derrubam a torre e levam-na também. Velhinho aparece detrás do muro: Pega a lata de tinta e escreve no muro: "O PETRÓLEO É NOSSO".)

PETRÓLEO E GUERRA NA ARGÉLIA

Carlos Estêvam Martins